

Reflexões para decolonizar a prática docente: as paixões humanas na sala de aula

Alonso Bezerra de Carvalho

Como citar: CARVALHO, Alonso Bezerra de. Reflexões para decolonizar a prática docente: as paixões humanas na sala de aula. *In*: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade**: contribuições para a formação de professores e a prática docente. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 39-58. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-465-3.p39-58>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Capítulo 2

Reflexões para decolonizar a prática docente: as paixões humanas na sala de aula

Alonso Bezerra de Carvalho¹⁰

Introdução

A partir de um problema educacional bastante concreto, que é o desafio de exercer a docência em uma sala de aula, as reflexões aqui apresentadas são resultado de uma cuidadosa revisão bibliográfica, em que se realiza um diálogo entre questões e desafios que emergem no ambiente escolar e ideias e categorias que compõem o universo conceitual-filosófico. Nesse processo procurei retomar essas categorias tanto para familiarizar o leitor com a literatura a elas atinentes como me situar criticamente no debate e nos textos já produzidos e que poderão nos ajudar na construção do problema, na identificação de pontos de consenso e de dissenso e na elaboração e na proposição de algo novo e pertinente ao campo de reflexão e de estudo delimitado. (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder, 2001).

¹⁰ Docente do Departamento de Didática e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Unesp, Campus de Marília. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Educação (GEPEES), cadastrado no CNPq. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Para tanto, considere, inicial e retrospectivamente, o percurso de minha formação, de minha prática pedagógica e de reflexões que tive oportunidade de realizar nesse período. Pretendo trazer questões educacionais que me acompanham ao longo de minha vida profissional e intelectual e que foram sendo aprofundadas e amadurecidas nesta caminhada, com a colaboração de áreas do saber como a filosofia, a sociologia, a psicologia e a história, a pedagogia, seja pela formação institucional-acadêmica obtida com elas, seja pela prática docente na rede básica de ensino e nos cursos universitários, nesses últimos ministrando disciplinas pedagógicas, tais como Didática e Filosofia da Educação, Metodologias de Ensino e Estágio Supervisionado, para cursos de formação de professores.

A proposta reflexivo-metodológica foi construir um texto que permitisse certa liberdade para abranger temáticas que sempre aparecem nos debates educacionais, mas que muitas vezes não são discutidas e nem levadas em consideração no momento de se elaborar um Projeto Político Pedagógico, por exemplo, restrito que fica às exigências meramente burocráticas. Em uma escola, mas também na Universidade, sobretudo nos cursos de formação de professores, o que se valoriza, ou a visão que predomina, é a de que a dimensão epistemológica é o centro e a mais importante do processo, excluindo-se outras dimensões do saber e da vida humana, como a dimensão ético-passional, por exemplo.

Partimos da ideia de que as paixões estão presentes e fazem parte da vida humana mais do que nós temos consciência. Diria que elas nasceram com o homem. Na alegoria do Jardim do Éden, a atitude de Eva, ao apanhar o fruto proibido, foi movida por uma paixão, por um desejo que não estava ao alcance dela dominar integralmente. Juntamente com a substância, a quantidade, a

qualidade, a relação, o lugar, o tempo, a situação, o ter e a ação, a paixão é uma das dez categorias aristotélicas que designa os predicados que constituem o ser, ou seja, que são aplicáveis a todo ente existente no mundo.

As paixões na filosofia

Mesmo antes da filosofia aristotélica, já temos conhecimento de mobilizações passionais que os homens tiveram que experimentar. As narrativas trágicas estão e são ricas em apresentar situações vividas por personagens que são acometidos por paixões as mais diversas, que os levavam a tomarem essa ou aquela atitude. Cólera, alegria, compaixão, tristeza, ódio, inveja, amor, calma, desprezo, temor, confiança, indignação, vergonha etc, são movimentos da alma que estavam presentes nas posturas das mais diversas figuras humanas dos textos trágicos. Prometeu, Antígona, Édipo, Jocasta, Creonte, entre outras, são algumas dessas figuras mais conhecidas. No campo filosófico, Aristóteles é considerado um dos primeiros pensadores que tratou sobre a paixão (*pathos*). Para ele, paixão significa o fato de se sofrer (suportar) a ação de um agente exterior, conduzindo, assim, à ideia de passividade.

Paixão significa (a) uma qualidade em função da qual se torna possível a alteração, por exemplo, entre a brancura e a negrura, a doçura e o amargor, o peso e a leveza, etc. (b) as *atualizações* dessa qualidade, ou seja, as alterações já convertidas em ato. (c) Particularmente, alterações e movimentos penosos e, mais particularmente, ferimentos que produzem sofrimentos (d) Experiências desastrosas, penosas, [dolorosas e prazerosas] extremas são chamadas *paixões*. (Aristóteles, 2006, p. 158).

No que se refere ao homem, a paixão foi ao longo dos séculos tratada como um movimento da alma que contribui e está na constituição do nosso caráter, na nossa maneira de ser e de estar no mundo. Nesse sentido, adquire diversas acepções, tornando-se um problema filosófico clássico, com repercussões até os dias atuais, com abordagens que a toma como positiva e outras que lhe atribui uma denotação negativa. No primeiro caso, a paixão é considerada como um temperamento ativo e entusiasta, uma mobilização persistente de energia para atingir seu objetivo. Nenhum fracasso, obstáculo ou desmentido é capaz de abalar: as paixões amorosas, de jogo, ideológica, etc. No entanto, as paixões foram condenadas como algo que torna o homem um ser fora de si, perturbado e conduzido apenas pelo desejo de realizar os seus objetivos, de atingir o prazer que o levaria a um profundo sofrimento e dor, de sacrifício e renúncia, que precisa ser controlado. Nesse segundo caso, a paixão habitaria o mundo da desrazão e do irracional.

Na história da filosofia, esse debate ou diversidade de posições é evidente. Ao que tudo indica as discussões ou distinções começaram com Platão ou, quiçá, com Parmênides. A contingência do devir, a pluralidade das opiniões, o mundo das sombras, o conhecimento ilusório, a incerteza das informações do universo sensível faz emergir toda uma concepção de homem e de filosofia. É a partir dela que as disputas se iniciaram, trazendo repercussões até os dias de hoje, inclusive provocando reconfigurações nas reflexões no campo da própria filosofia, da ciência, da ética e da política. Para o propósito deste texto, as reflexões vão no sentido de pensar e trazer algumas contribuições ao campo da educação, sobretudo para um lugar bastante específico que é a sala de aula, com os desafios, problemas e vivências que são experimentados cotidianamente por professores no

exercício de sua profissão. Nesse sentido, considerar as paixões pode nos indicar boas possibilidades para interpelarmos e problematizarmos a dimensão racional que, muitas vezes, cumpre um papel colonizador e (pre)dominante no processo pedagógico.

Páthos: paixão ou sentimento; emoção; aquilo que se sofre ânimo agitado por circunstâncias exteriores; perturbação do ânimo causada por uma ação externa; acontecimentos ou mudanças nas coisas causadas por uma ação externa ou por um agente externo; passividade humana ou das coisas; doença (donde: patológico, patologia); emoção forte causada por uma impressão externa (donde: patético); passividade física e moral; sofrimento. O verbo *páskho* significa: ser afetado de tal ou qual maneira, experimentar tal ou qual emoção ou sentimento, sofrer alguma ação externa, padecer (em oposição a agir). Oposto a *práxis*. (Chauí, 2011, p. 508).

Dois textos de Aristóteles expressam com muita propriedade o significado e a presença das paixões na constituição do homem: *Retórica das paixões* (2000) e *Ética a Nicômaco* (1987). As paixões seriam como um movimento que, como um dado da natureza humana, não pode ser tratado como algo a ser extirpado ou condenado. A riqueza dessa compreensão está no fato de que o mundo das paixões pode ser considerado como requisito necessário para compreendermos as ações humanas e os valores que nós tomamos como medidas para decidir e escolher diante das circunstâncias que nos são apresentadas e enfrentamos no nosso cotidiano. Dessas primeiras ideias podemos depreender uma primeira reflexão sobre o que se passa em uma sala de aula.

Na sala de aula temos as mais diversas paixões se manifestando e movimentando professores e alunos. O professor geralmente entra

em uma sala de aula com o objetivo e a expectativa de transmitir conhecimento e, para tanto, decide-se por uma metodologia que, segundo seus cálculos, poderá favorecer a apreensão dos conteúdos de maneira mais fácil ou, no mínimo, de maneira mais eficiente pelos alunos. Essa sua atitude não é isenta e nem neutra, mas são escolhas que resultam de uma movimentação interior da qual quase sempre ele não se dá conta. Essa movimentação é passional também, embora, em um primeiro instante, ele pense ou imagine que tudo é resultado de uma mobilização intelectual, racional e calculada, bastando ficar atento aos seus pensamentos e ideias que uma boa técnica didática vai surgir. Com isso quero dizer que, na prática pedagógica, conta bastante a percepção, o entusiasmo e o desejo que habitam o nosso interior que nem sempre ou quase nunca são passíveis de serem reduzidas a uma única dimensão. Enfim, mais do que uma técnica, a prática pedagógica tem a ver também com uma ética que, na perspectiva aristotélica, origina-se ou inicia-se a partir das experiências passionais que sofremos ao longo de nossas vidas.

No livro II, capítulo 5 da *Ética*, quando indagado sobre o que é a virtude, Aristóteles responde que na alma humana se encontram três espécies de coisas: paixões, faculdades e disposição de caráter.

Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; por faculdades, as coisas em virtudes das quais se diz que somos capazes de sentir tudo isso, ou seja, de nos irarmos, de magoar-nos ou compadecer-nos; por disposições de caráter, as coisas em virtudes das quais nossa posição com referência às paixões é boa ou má. Por exemplo, com referência à cólera, nossa posição é má se a sentimos de modo violento ou demasiado fraco,

e boa se a sentimos moderadamente; e da mesma forma no que se relaciona com as outras paixões. (Aristóteles, 1987, p. 31).

Nessa perspectiva, podemos dizer que as paixões seriam o ponto de partida para a formação do caráter dos indivíduos. A avaliação de nossas condutas – se louvadas ou censuradas – não é feita por sentirmos paixões, mesmo porque ninguém se encoleriza intencionalmente, o que quer dizer, que não escolhemos sentir essa ou aquela paixão. Isto significa que só somos julgados e responsabilizados pelas nossas virtudes e vícios, que são formados pelo modo como usamos as paixões. “Sentimos cólera e medo sem nenhuma escolha de nossa parte, mas as virtudes são modalidades de escolha, ou envolvem escolha. Além disso, com as paixões se diz que somos movidos.” (Aristóteles, 1987, p. 31).

Desdobrando melhor a proposta aristotélica, talvez caiba aqui um aprofundamento ou uma explicitação dos elementos essenciais que a compõe. Grosso modo, e pensando a partir de uma pragmática, isto é, de sua funcionalidade na conduta humana, a paixão diz respeito ao que sentimos e experienciamos no nosso cotidiano. Ela é uma tendência ou uma inclinação que tem a função de nos mobilizar, tendo como resultado, frequentemente, uma ação posterior, daí o caráter de passividade que nos atinge, em um primeiro momento.

Quando reagimos a uma ofensa, por exemplo, sentindo raiva, não haveria a possibilidade de fazermos uma escolha, mantendo a calma e a tranquilidade. “A paixão é sempre provocada pela presença ou imagem de algo que me leva a reagir, geralmente de improviso. Ela é então o sinal de que eu vivo na dependência permanente do Outro.” (Lebrun, 1987, p. 18). Inclusive, um Outro que não está só fora de mim, mas que me pertence e me movimenta.

Como característica ou dístico do ser humano, um ser perfeito, como Deus, não teria a oportunidade de ser movido pela paixão. Como só pertencem às coisas do mundo humano, as paixões dependem do outro (o mundo fora de nós), não cabendo a nós escolher o momento para senti-las, o que não nos isenta de agirmos de maneira responsável em direção ao seu domínio, dosando-as. É deste modo que os outros nos julgam como seres ético-virtuosos, ou seja, observando como nos movimentamos com nossas paixões. Deste modo, e visto que o julgamento ético sempre se direcionará ao modo com que uma pessoa age diante de suas paixões, não há ética sem as paixões e não há ação pedagógica sem ética. Assim, o homem virtuoso ou o professor que quer realizar uma boa prática educativa, do ponto de vista didático-metodológico, não seria aquele que lança mão de suas paixões nem aquele que as abranda, mas aquele que sabe dosar o quanto de paixão uma determinada conduta comporta nas circunstâncias com as quais se defronta.

A regulação ética não é exercida através de uma lei judaico-cristã, mas pela opinião de um expectador prudente, que aprovará/desaprovará minha conduta e avaliará se eu soube usar convenientemente minhas paixões. Não é a uma lei que eu devo referir minha conduta, mas à opinião moderada dos outros (...); a ética aristotélica é mais um tratado de *savoir-vivre* do que um tratado de moral. (Lebrun, 1987, p. 21).

Assim, do ponto de vista da educação, cabe a função de ensinar o homem a dominar suas paixões e não as extirpar ou saciá-las. E dominar nada mais é do que utilizá-las adequadamente e não as aniquilar, como pretenderam várias correntes filosóficas. É motivo para estranhamento quando queremos impor ou inculcar juízos éticos

a priori, impossibilitando ao indivíduo fazer suas experiências passionais. Dito de outra maneira, quando queremos relacionar ou reduzir a ética a leis morais, jurídicas e racionais, como pretenderam algumas tradições filosóficas ou pedagógicas, o resultado pode ser desastroso.

A didática e as paixões na sala de aula: decolonizar a prática docente

A ideia central desse texto é problematizar a perspectiva que considera o homem e suas ações como marcado, movimentado e constituído por uma única dimensão, isto é, dotado de reflexão, da capacidade de conhecer-se a si mesmo e se reconhecendo como diferente dos objetos, cria e/ou descobre significações, institui sentidos, elabora conceitos, ideias, juízos e teorias, enfim, um sujeito racional e pensante. (Chauí, 2003, p. 130). Nesse processo, o que se observa é uma desvalorização e até mesmo uma exclusão do mundo das paixões. Se a educação é uma das esferas mais importantes das ações humanas e se consideramos as paixões como pertencentes à nossa natureza, indago se não está no momento de educar e de nos educarmos observando, compreendendo e reconhecendo que somos movidos também por elas. Nesse aspecto, a melhor maneira de estabelecer estratégias para influenciar e contribuir na conduta de uma pessoa ou de nós mesmos está em levarmos em linha de conta esse outro lado de nossa existência. Com isso, quero dizer que as paixões cumprem um papel significativo na constituição e na formação de nós, os humanos, repercutindo e definindo as nossas condutas, escolhas e valores. E mais: as paixões habitam e se manifestam nos indivíduos, provocando consequências na vida social

que, por sua vez, estimula e motiva atitudes apaixonadas. Em outros termos, a natureza passional, visto que todo homem tem paixão, age sobre a sociedade, que responde agindo sobre a natureza, resultando, assim, em uma ordem moral.

Quando se estuda uma organização social, a tendência predominante é observar e diagnosticar os costumes, as regras da vida coletiva, o funcionamento das instituições políticas, religiosas, educacionais, econômicas, enfim, os monumentos que construímos para garantir a existência e a continuidade dos indivíduos e da sociedade. Em um primeiro momento, as paixões são consideradas como elementos estranhos a um estudo sociológico, restritas que estavam ao domínio filosófico, que as definem, e ao psicológico-psicanalítico moderno, que tenta explicar os seus mecanismos de funcionamento e os seus efeitos.

Se partirmos das teorias sociológicas clássicas – Marx, Weber e Durkheim –, a abordagem da temática não é feita de forma direta e explícita, o que exige um esforço de organização do que foi apresentado de maneira esparsa. Grosso modo, da obra desses pensadores e de outros – Simmel, Elias, aqueles da Escola de Frankfurt, Foucault e Habermas - ao querer construir representações globais da realidade e tomar consciência da condição humana submetida a mudanças sem fim e em ruptura com a estabilidade da tradição, penso que é possível extrair indícios significativos – contrários ou não - de que a paixão tem aí a sua presença garantida: seja na vida pessoal desses cientistas, seja mesmo no terreno de onde retiraram o material para as suas reflexões, isto é, o mundo social e as suas relações.

Tomar as paixões como objeto de reflexão, no sentido de propor algo no mínimo desafiador para o campo da educação, pode

ser uma tentativa de compreender a *experiência* humana no sentido das questões colocadas por Foucault ao postular a necessidade de fazermos um diagnóstico do nosso presente: *quem somos nós? O que estamos fazendo de nós mesmos? E o que estamos fazendo com os outros?* O que assinala é que não se trata mais de indagar quem somos nós e os outros enquanto sujeitos universais, mas enquanto sujeitos ou singularidades *históricas*. Em outros termos, qual é a historicidade que nos atravessa e nos constitui?

Somos animais passionais. Se a razão tem suas razões para ser e para estar, as paixões, por seu lado, têm as suas motivações e motivos para existir. A condição humana se distingue de outras também porque experimentamos e expressamos sentimentos, desejos e vontades. Não somos e nem conseguimos ser racionais o tempo todo. A formação do homem, de uma sociedade, os valores cultivados, os empreendimentos econômicos, políticos, científicos, pedagógicos, artísticos e religiosos seriam frutos também das escolhas e das condutas originadas nas paixões.

Se a palavra paixão designa, etimologicamente, o fato de suportarmos e sofrermos a ação de um agente exterior sobre nós, cuja consequência seria o caráter passivo do apaixonado, ela é ação, individual e coletiva, é origem e expressão de nossas atitudes e posição no mundo, com suas contingências, necessidades, antagonismos, resistências e conformismos. Paixão é vida, é experiência que conduz à inteligência, porque a existência é partilha, é convivência. Da relação com as alegrias e as tristezas, com os amores e os ódios, com as esperanças e os medos, fazemo-nos indivíduos e sociedade, realizando-nos como pessoa e como homens.

Para além do bem e do mal que as paixões provocam, o prazer e a dor que, como considera Helvétius(1989), lhe são inerentes, elas

nos desafia – “nos tira do sério” – e nos coloca diante das exigências cotidiana da existência, do encanto e do desencanto do viver e do conviver; paixão somos nós, finitos e incompletos, pois “não existe paixão, no sentido mais amplo, senão onde houver mobilidade, imperfeição ontológica. Se assim for, a paixão é um dado do mundo sublunar e da existência humana. Devemos contar com as paixões.” (Lebrun, 1987, p. 18). É nesta perspectiva que as consideramos como uma dimensão a ser considerada para um bom exercício reflexivo e prático na área da educação, em especial no campo da docência, predominantemente organizado por uma concepção racional de mundo que se reveste de um caráter colonizador, em que outras experiências e vivências são praticamente subalternizadas e invisibilizadas na sala de aula. Retomá-las pode nos propiciar modos novos de ser, de estar, de pensar, de sentir e de agir no processo educativo. Para tanto, podemos tomar o campo da Didática para fazer essa experiência reflexiva.

Como sabemos, a Didática, em suas origens, com Comênio no século XVI, foi identificada com uma perspectiva normativa e prescritiva de métodos e técnicas de ensinar, algo que ainda permanece arraigado no imaginário e nas práticas dos professores até hoje. Como uma disciplina, um campo de saber ou de ação, ela nasce em uma Europa que se tornava cada vez menos espiritualizada, menos feudal, e muito mais humanista e interessada em se expandir geográfica, econômica e culturalmente. A Didática nasce, assim, para atender os desejos e os interesses de uma época, de uma classe e de um novo tipo de sociedade que se forma ou se reorganiza.

Como se vê a educação moderna e sua concepção de Didática não se origina de uma obra transcendente, mas se insere na história, nas relações de poder e de saberes, a partir de escolhas e releituras

humanas. Com isso queremos dizer que a Didática é mais do que um campo ou disciplina que agrega as questões relacionadas aos saberes, aos métodos e às práticas educativas. Ela diz respeito ao humano, aos seres humanos e não a uma mera técnica em que as pessoas representam uma peça em uma engrenagem ou em um dispositivo, com todo o cálculo, frieza e precisão que isto implica e requer.

Nesse processo, a relação professor-aluno, tema caro ao campo didático, em diálogo com a filosofia, pode ser pensada e vivida considerando o educador e o educando como sujeitos históricos, éticos e epistêmicos, que constroem em suas ações e atitudes um projeto de desenvolvimento de suas personalidades e que pode se traduzir e se revelar em um projeto pedagógico baseado em valores e saberes que proporcione a emancipação humana e não a sua dominação.

Em diálogo com a filosofia da educação, a didática pode ampliar o seu campo de visão e considerar que nós, o mundo e a sociedade em que vivemos não se dão como prontos, acabados e imutáveis. No horizonte da existência humana, da educação, do ofício de ensinar e de aprender, poderia estar sempre o reino do possível, do (in)existente, da história, da produção e do respeito pelo diferente, enfim, reconhecer as paixões, a ética, enfim, a alteridade no campo educacional. Isso exige uma nova postura no educar: uma postura e uma prática descolonizadora, interpelando e promovendo superações e atitudes profundas ao instituído, como é a própria escola. A descolonização da educação escolar é urgente, a fim de valorizar e considerar outros conhecimentos e, no caso do Brasil e da América Latina, os saberes, as histórias, as culturas, as línguas e os viveres dos povos indígenas, quilombolas bem como as suas práticas educativas. (Ferreira, 2018).

Portanto, está mais do que na hora de pensarmos uma educação latinoamericana que inclua o *outro*, em direção a um mundo mais justo, tolerante e respeitoso, pois o diferente, aquele é excluído, não é uma ameaça, mas uma possibilidade para se construir uma nova identidade, novos vínculos e uma nova convivência. Para tanto, é fundamental que retomemos com profundidade o tema da alteridade ou da problemática do outro. Para concluir o capítulo, faremos apenas um pequeno apontamento acerca do assunto para estimular futuras discussões.

Podemos observar que a tradição filosófica não tem abordado a questão de maneira hegemônica, pois desde os seus inícios as paixões e a alteridade como questão ética ficou em segundo plano, especialmente se a olharmos em uma perspectiva eurocêntrica. Hoje já é aceitável considerar que a filosofia não se restringe ao mundo grego e por isso talvez seja necessário nos reposicionarmos em relação à ética e àquilo que ela constitui. É bem verdade que desde os gregos, dependendo da escola que estudarmos, o tema da alteridade já se encontrava presente, ao menos por exclusão e como uma representação conceitual e epistêmica. Neste sentido, quando Parmênides defendia que *o ser é* e *o não-ser não-é*, vislumbra-se *ex negativo* uma primeira noção daquilo que nos tempos contemporâneos adquiriu uma relevância jamais enfatizada no decurso do pensamento ocidental. Na proposição parmenídica, o “não-ser”, o outro, só adquire “existência” em relação a um *eu* que totaliza e representa a realidade. A única chance que o outro tem de existir é quando ele se reduz ou se torna semelhante ou comparável a este *eu*. Nesse percurso, essa concepção parece ter se tornado hegemônica, praticamente se transformando em um costume e uma prática representacional inquestionável. No caso específico dos seres

humanos, temos a ideia e a concepção de que somos semelhantes e que todos os outros indivíduos são semelhantes a mim, ou seja, há uma essência humana que se estende e está presente em cada um de nós; seríamos da mesma espécie.

Na aurora da modernidade esta ideia se manifesta por meio da aceção de que somos todos iguais, ou seja, a igualdade surge como a solução para os conflitos existentes em um hipotético estado de natureza, em que havia “uma guerra de todos contra todos”. Para que não nos exterminássemos era necessário estabelecer um contrato e criar uma instituição que desse conta de bem controlar e preservar a vida de cada um e, por extensão, de todos. Por isso, o Estado na modernidade nasce com essa função, ou seja, de garantir a igualdade entre todos.

Nos anos finais do século XIX e início do século XX a figura do outro, ou melhor, o tema da alteridade se reveste de uma nova concepção. Nem semelhante, nem igual, mas diferente. Este é o *leitmotiv* de um debate que se instaura, provocando novas posturas e novas perspectivas para a convivência humana. Ao esquecermos de pensar o outro como outro e agora colocá-lo no centro das nossas práticas a questão se reveste de um novo significado e torna-se tema para um novo campo de reflexão, isto é, as paixões, a ética e alteridade em vista de uma nova Didática

Autores como Paulo Freire (1921-1997), entre outros, parecem tomar essa perspectiva em suas análises e reflexões. Para eles, segundo a minha compreensão, uma educação libertadora, decolonizadora e comprometida com a história dos povos latinoamericanos deve ser essencialmente ética, pois seria bastante lamentável desconsiderar o outro, o diferente, e apenas tratá-los como passíveis de serem excluídos, oprimidos e negados. Na esteira do que defende

Levinas, estão de acordo que o outro não é um conceito abstrato, nem uma categoria de pensamento, mas ele tem um rosto que se revela e que deve ser acolhido e reconhecido. “A epifania do rosto como rosto, abre a humanidade. O rosto na sua nudez apresenta-me a penúria do pobre e do estrangeiro” (Levinas, 2000, p. 190). Pensar, reconhecer e acolher o rosto da América é fazer essa experiência epifânica, em que o outro se manifesta como alguém único, singular e diferente. O outro já não é mais um estranho, ele se transformou no nosso *próximo*. Sua presença dentro de mim é uma interpelação que não deixa ninguém indiferente à sua sorte. Esse parece ser o compromisso e o chamamento que os nossos dois pensadores latinoamericanos estão fazendo e propondo, inclusive no campo da educação.

Conclusões

Pensando, portanto, em uma nova didática e em uma prática docente renovada e transformadora, o professor na sala de aula poderia arriscar-se na construção de um ambiente em que os alunos estejam preparados para os desafios, para os riscos, para o surpreendente e o imprevisto. Diferentemente do que nos propõe Descartes, no mundo há vários pontos arquimedianos, de onde podemos partir para expor e transpor a realidade, que é inacabada e em construção. Não somos apenas espírito e intelecto, somos a junção do corpo com a mente, e por isso somos capazes de sentir, falar, pensar e agir.

Talvez caiba ao professor reconhecer e agir na direção de que após uma aula ele não deve esperar ou se comportar como um decepcionado ou envaidecido pelo fracasso ou sucesso, mas observar se a aula não gerou um mal-estar, uma inquietude, ingredientes

propulsores do crescimento. Embora deva ser preparada, organizada, e isso a didática pode nos ajudar, a aula solicita também inspiração e entusiasmo, pois é algo que se estende de uma semana a outra, ou seja, é um espaço e uma temporalidade muito especiais, visto que as pessoas mudam entre uma semana e outra, entre uma aula e outra. Como diz Heráclito, não tomamos banho duas vezes no mesmo rio, pois as águas mudam e nós mudamos.

Deste modo, como pretendemos chamar a atenção neste texto, temas filosóficos, como as paixões humanas, podem nos ajudar a repensar a didática e a própria educação escolar. Sem o objetivo de abarcar o que a filosofia da educação tem a oferecer à didática e vice-versa, quis mostrar como um conjunto de saberes e práticas que dizem respeito ao como se deve ensinar, como as pessoas aprendem, como devem funcionar as escolas para que a aprendizagem seja mais efetiva, quais conhecimentos são mais relevantes para compor um currículo e como os professores devem exercer seu ofício, etc., podem dialogar com a filosofia e suas reflexões educacionais.

Se a filosofia da educação e a didática podem estabelecer um diálogo, este deve estar aberto para a possibilidade dos alunos e professores alterarem as suas compreensões do que significa ser humano, de forma a não se restringir a um processo de socialização e inserção deles numa ordem preexistente, instrumentalizada, fria e calculista, como buscou fazer certo uso da razão na história do pensamento humano. Pensar a educação e a didática na perspectiva aqui abordada é considerar os indivíduos, sobretudo os alunos, como presença, como singularidade e individualidade no mundo povoado por outros que não são como nós, ou seja, um mundo de pluralidade, de diversidade e diferença como condição necessária, mas problemática e difícil. Enfim, que ensinar ou aprender sempre

acarrete o risco de que a aprendizagem e o ensino possam ter um impacto sobre cada um nós e de que possamos mudar e não meramente nos submetemos ao que está cristalizado por um processo de colonização do saber, do ser, do existir, do viver e ... do educar e da prática docente.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores, v. 2).

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Bauru: Edipro, 2006.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos à Aristóteles. São Paulo: Cia. Das Letras, 2011.

FERREIRA, Bruno. Descolonizando a escola: em busca de novas práticas. **Avá. Revista de Antropologia**, vol. 33, pp. 165-184, 2018. Disponível em <https://bit.ly/3tyL00z>. Acesso 10 ago 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HELVETIUS. **De l'homme**. Paris: Fayard, 1989.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. In: NOVAES, Aduino(org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

